

A ATIVIDADE SIMULTÂNEA DO CORPO E DA MENTE COMO POTÊNCIAS ATIVAS A PARTIR DOS AFETOS ALEGRES RELACIONADOS À MENTE NA ÉTICA DE BENEDICTUS DE SPINOZA

Viviane Silveira Machado *

INTRODUÇÃO

As ideias filosóficas e políticas de Benedictus de Spinoza são um grande divisor de águas para o pensamento moderno e contemporâneo. E, em dados momentos, tornam-se quase que, atemporais. Na Parte 5 de sua obra maior, *Ética*¹, cujo título é *A potência do intelecto ou da liberdade humana*, o autor demonstra-nos como é desenvolvida a potência do intelecto e como essa potência pode conduzir os indivíduos à verdadeira liberdade humana e política. Já, na definição 7 da Parte 1 e também em seu Apêndice, Spinoza trata sobre um assunto considerado de grande relevância em quase toda Idade média: a existência e liberdade de Deus e o livre-arbítrio dos homens. Conforme Spinoza, somente Deus age por absoluta liberdade, portanto, Deus é causa de si e de todas as coisas. Na Definição 7 da parte 1 o autor esclarece que “somente a coisa que existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e que por si só é determinada a agir” é dita livre. Portanto, somente Deus é causa livre, posto que é causa de todas as coisas. Ora, essa definição é o esclarecimento e início da explicitação de uma grande querela, qual seja a demonstração da liberdade absoluta de Deus, isto é, do *Ens* absolutamente

* Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Exerceu o ofício de professora voluntária na disciplina de Filosofia do Projeto de Pré-Vestibular no Programa de Formação para Travestis e Pessoas Transgêneras – Transpassando, entre os anos de 2019 e 2021. Membro do grupo de pesquisa GT Benedictus de Spinoza- UECE. E-mail: vivianemachado10@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7640-7112>.

1 Utilizamos a *Ética* bilíngue cuja tradução brasileira foi realizada pelo autor Tomaz Tadeu. Optamos por adotar a sigla E (*Ethica ordine geometrico demonstrata*) com as seguintes abreviaturas: Partes (E1, E2, E3, E4, etc.), Prefácio (Pref), Axiomas (Ax), Definição (Def), Proposição (P), Demonstração (D), Escólio (S), Corolários (C), Postulados (Post.), Definição dos Afetos (AD), Apêndice e capítulo (A1), etc. Exemplo de citação: E3P9S para *Ética*, Parte 3, proposição 9, escólio.

infinito e, conseqüentemente, acerca da diferença da liberdade dos homens que, segundo o autor, não são livres. São modos singulares e finitos em Deus.

Além disso, Spinoza, em sua *Ética*, propõe-se a esclarecer-nos de forma veemente sobre a importância de conhecermos e compreendermos nossos afetos e como os afetos alegres relacionados à mente podem nos levar à firmeza, generosidade e beatitude. O autor também enfatiza que as flutuações de ânimo advêm de três afetos primitivos, a citar o desejo, a alegria e a tristeza. Entretanto, conforme esclarece-nos, “entre todos os afetos que estão relacionados à mente à medida que ela age não há nenhum que não esteja relacionado à alegria ou ao desejo”. (E3P59). Segundo o autor, à medida que a mente compreende corretamente o que são os afetos ativos segundo a ordem e encandeamento de ideias adequadas do entendimento, os indivíduos podem compreender as leis de sua natureza e da Natureza inteira. Ora, para Spinoza, a partir das ideias e das causas adequadas², a mente em pluralidade simultânea com o corpo age relacionando-se ao desejo (*conatus*) de viver, agir e conservar seu ser exclusivamente segundo os ditames da razão³.

Para Spinoza é da natureza da razão compreender as coisas ordenadamente pelo atributo pensamento. Entretanto, é necessário que a mente (*mens*) observe a imprescindível importância das ideias adequadas⁴. Para o autor da *Ética*, a vontade não tem poder sobre nosso

2 As ideias adequadas, segundo Spinoza, estão relacionadas ao estar cômico de sua inteligibilidade, da inteligibilidade de Deus e de seus atributos.

3 Ora, para o autor o corpo e a mente agem em pluralidade simultânea. Tal assertiva tanto o afasta do pensamento platônico, cujo corpo seria o “simulacro da alma”, como também do pensamento judaico-cristão.

4 “A adequação constitui a matéria do verdadeiro”. Assim, o autor conclui que “a ideia adequada é, portanto, a ideia expressiva”. Cf. DELEUZE, 2017, p. 152.

corpo, pois trata-se apenas de uma faculdade de afirmar ou de negar algo. Assim, o pensador esclarece que é preciso conhecer e compreender a essência humana⁵ observando a verdadeira origem dos afetos, isto é, de como esses afetos agem em nós de forma ativa ou passiva. Para Spinoza, é necessário compreender as afecções dessas ideias que sentimos. O autor também nos explicita que não basta conhecermos as coisas a partir das noções universais e dos signos, mas compreendê-las além da ordem e da clareza das ideias, isto é, conhecer adequadamente a distinção entre ideias e suas causas e se essas causas são adequadas ou inadequadas.

Conforme seu pensamento racionalista, a ideia adequada é “uma ideia que, enquanto considerada em si mesma, sem relação com o objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas⁶ de uma ideia verdadeira”. (E3Def1). Dado o exposto, o presente artigo buscará demonstrar o pensamento filosófico de Spinoza pontuando os caminhos mais seguros para alcançar a verdadeira liberdade e concórdia em sociedade a partir dos afetos alegres relacionados à mente, bem como da potência de nosso intelecto⁷ sobre nossas vidas. A seguir, veremos brevemente como Spinoza nos conduz, como que pela mão, ao conhecimento de seu método sintético e reflexivo.

5 Segundo Deleuze, (2002, p.104), “a essência do modo, por sua vez, é grau de potência, parte da potência divina, ou seja, parte intensiva ou grau de intensidade. Ora, conforme cita Spinoza, “a potência do homem enquanto é explicada por sua essência atual, é uma parte da potência infinita de Deus ou da Natureza, isto é, de sua essência. Cf. E4P4D.

6 “Digo intrínsecas para excluir a propriedade extrínseca, a saber, a que se refere à concordância da ideia com seu ideado”. Cf. E3Def1Exp.

7 Conforme a pensadora Marilena Chauí, a questão do *conatus* na *Ética* de Spinoza, traz em sua gênese o que o autor deseja concluir para a definição da coisa singular. Conforme cita a pensadora, “com o *conatus*, se completa a exposição da gênese e natureza das coisas singulares. De fato, até aqui, havíamos encontrado a essência de uma coisa singular sob três determinações: como modo finito de um atributo de Deus ou afecção particular de um atributo que nela se exprime e que ela exprime; como coisa singular determinada, isto é, como corpo ou união de corpos e como mente ou conexão de ideias; e, no caso do modo humano, como união de um corpo e uma mente. Agora, uma quarta determinação define a essência de um ser singular: ela é uma potência de existir e agir intrinsecamente positiva que por isso se esforça, sozinha ou com outras, para perseverar em seu ser, opondo-se a tudo quanto possa negá-la, isto é, destruí-la”. Cf. CHAUI, 2016, p. 179.

DO MÉTODO SINTÉTICO E REFLEXIVO NA ÉTICA DE SPINOZA

Para o autor da *Ética*, Deus é causa auto-produtora. Além disso, todas as coisas exprimem parte da potência de Deus e, de suas expressões seguem-se infinitos atributos infinitos em seu gênero dos quais o intelecto humano só percebe dois, a saber o “atributo pensamento” e o “atributo extensão”. Conforme cita, “o pensamento é, pois, um dos infinitos atributos de Deus, o qual exprime uma essência eterna e infinita de Deus”. (E2P1D). A extensão também “é um atributo de Deus”. Para o autor da *Ética* existimos e estamos em Deus, portanto, não somos criaturas, mas expressões de uma causa autoprodutora. Segundo sua filosofia, precisamos compreender que ambos os atributos agem em pluralidade simultânea e por isso podemos agir ou padecer segundo o estado atual de nosso ser. Segundo Spinoza, faz-se necessário conhecer e compreender adequadamente as verdadeiras causas das coisas, ou seja, compreender o verdadeiro encadeamento e conexões de ideias e de causas que se seguem da ordem necessária e perfeita da ideia de Deus, isto é, de sua Natureza. Para o pensador holandês é possível compreender esta ideia porque “podemos conceber um ente pensante infinito⁸”, ou seja, Deus. Ora, para Spinoza “os pensamentos singulares, ou seja, este ou aquele pensamento, são modos que exprimem a natureza de Deus de uma maneira definida e determinada”. (E2P1D).

Em seu *Tratado da Emenda do Intelecto*⁹, obra inacabada, o pensador nos deixa uma preciosa reflexão sobre a imensurável importância do método¹⁰ adequado para compreender as ideias verdadeiras, bem como das regras necessárias para analisar esse método. Ou seja, para alcançar o verdadeiro conhecimento é necessário, primeiramente, uma forma, quer dizer, uma

8 Para Spinoza, qualquer indivíduo através do conhecimento, ou seja, da reflexão do pensamento pode conhecer Deus e as leis de sua Natureza.

9 Para esta obra estamos utilizando a Edição em latim e português cuja tradução e nota introdutória é de Cristiano Novaes de Rezende. Utilizaremos a sigla TIE (*Tractatus de intellectus emendatione*) seguido de (/) com número arábico para apresentar o nome da obra e parágrafo citado. Exemplo. TIE/36: *Tractatus de intellectus emendatione*; parágrafo 36.

10 “[...] a primeira parte do método não consiste em nos fazer conhecer alguma coisa, mas em nos fazer conhecer a nossa potência de compreender”. Cf. DELEUZE, 2017, p. 140.

ideia. Conforme cita, “[...] a partir disso, mais uma vez, fica patente que ninguém pode saber o que seja a suma certeza a não ser quem tem uma ideia adequada ou essência objetiva de alguma coisa; [...]”. (TIE/35). Portanto, para ter a certeza da ideia ou a ideia verdadeira (o que é o mesmo), essa ideia precisa ser uma ideia adequada. Isso, porque para Spinoza somente a ideia adequada exprime a essência objetiva da coisa e, para concebê-la é necessário um conhecimento reflexivo. Conforme cita:

Consequentemente, como a verdade não exige signo algum, mas é suficiente ter as essências objetivas das coisas, ou, o que é o mesmo, as ideias, para que se elimine toda dúvida, segue-se disso que o verdadeiro método não é buscar um signo da verdade depois da aquisição das ideias, mas o verdadeiro método é a via para que própria verdade, ou as essências objetivas das coisas, ou as ideias (tudo isso significa o mesmo), sejam buscadas na devida ordem. O Método, ainda uma vez, necessariamente deve falar do raciocínio ou da inteligência, isto é, o Método não é o próprio raciocinar para entender o que seja uma ideia verdadeira, distinguindo-a das demais percepções e investigando sua natureza, para que daí conheçamos nossa potência de entender e assim coibamos a mente para que ela entenda conforme aquela norma todas as coisas que são a entender, trazendo como auxílios regras certas e também fazendo com que a mente não se fatigue com inutilidades. Donde se colige que o Método nada mais é que o conhecimento reflexivo. (TIE/36).

Segundo Gilles Deleuze (1925-1995), o método reflexivo de Spinoza está alicerçado não somente sob as ideias do pensamento claros e distinto mas, também fundamentado sob a gênese do conhecimento reflexivo que parte de determinadas leis até chegar na ideia verdadeira e adequada¹¹. Segundo cita (2017, p. 144), “o termo ‘adequado’, em Spinoza, nunca significa a correspondência da ideia com o objeto que ela representa ou designa, mas a conveniência interna da ideia com alguma coisa que ela exprime”. Ora, para Spinoza é preciso saber “distinguir e

11 “Uma ideia clara e distinta não é o bastante, é preciso ter uma ideia adequada. Quer dizer, não basta mostrar como os efeitos dependem das causas, é preciso mostrar como o conhecimento verdadeiro do efeito depende ele mesmo do conhecimento da causa. Essa é a definição do método sintético”. Cf. DELEUZE, 2017. p. 107.

separar a ideia verdadeira das demais percepções e coibir a mente para que não confunda com as falsas, fictícias e dúbias; [...]”. (TIE/50). Portanto, torna-se imprescindível refletir cautelosamente para encontrar a verdade objetiva, ou, como cita nosso autor, “a essência objetiva” da ideia. O TIE descreve um grandioso método para alcançarmos o conhecimento verdadeiro das coisas através de um caminho infalível que posteriormente será demonstrado com maior rigor em sua *Ética*. Nela, Spinoza determinará com o rigor geométrico e da matemática euclidiana os caminhos que a razão e o entendimento podem trazer aos homens a autonomia e liberdade necessárias para uma vida em concórdia.

DA NATUREZA E ESSÊNCIA DAS IDEIAS DA MENTE

Sobre a essência da mente Spinoza nos esclarece que sua essência “é constituída de ideias adequadas e de ideias inadequadas”. (E3P9D). E, independente da ideia¹² que temos, a mente se esforça para conservar seu estado atual. Conforme cita, a mente “se esforça, pois, por perseverar em seu ser, quer enquanto tem as últimas, quer enquanto tem as primeiras, o que ocorre por uma duração indefinida”. (idem). O autor também nos demonstra que “esse esforço, à medida que está referido apenas à mente, chama-se vontade; mas à medida que está referido simultaneamente à mente e ao corpo chama-se apetite, o qual, portanto, nada mais é do que a própria essência do homem¹³”. (ibidem). O grande salto dado na filosofia de Spinoza se dá quanto à assertiva de que a vontade é apenas um modo do pensar, portanto, não há livre-arbítrio no homem. Pois o homem não é causa de si ou causa livre, mas finito em seu gênero e, portanto, determinado a fazer isto ou aquilo¹⁴.

12 “Por ideia compreendo um conceito da mente, que a mente forma porque é uma coisa pensante”. Cf. E2Def3.

13 Segundo Deleuze (2017, p. 145), “enquanto permanecermos em uma ideia clara e distinta, teremos apenas o conhecimento de um efeito; ou, caso se prefira conheceremos apenas uma propriedade da coisa”. Para uma melhor compreensão sobre este assunto ver o Capítulo IX da obra, Deleuze. G. *Espinosa e o problema da expressão*, Tradução do GT Deleuze, São Paulo, Editora 34, 2017.

14 Segundo Chantal Jaquet (2011, p. 185), “mesmo proclamando a unidade e a identidade do corpo e da mente a filosofia de Espinosa pensa suas diferenças de expressão através da teoria dos afetos e consegue uma igualdade de potência de pensar e agir que consiste em afirmar o primado da mente fazendo do corpo o objeto primeiro do conhecimento.

Conforme cita o autor da *Ética* “um corpo é finito porque sempre concebemos um outro maior”. (E1Def2). Dado isto, esse corpo, mesmo que finito, poderia ser mais potente? Para pensarmos esta questão, ainda se faz necessário antevermos-nos a algo de indubitável relevância na *Ética* de Spinoza, isto é, que “um corpo não é limitado por um pensamento, nem um pensamento por um corpo”. (E1Def2). E, por mais que existam diferenças entre os atributos¹⁵, isto é, entre atributo pensamento e atributo extensão, suas expressões, isto é, seus modos, agem ou padecem em pluralidade simultânea. Segundo cita o filósofo, “sentimos que um certo corpo é afetado de muitas maneiras”. (E2Ax4). Isso porque “o homem não se conhece a si próprio a não ser pelas afecções de seu corpo e pelas ideias dessas afecções”. (E3P53D). Portanto, as ideias advindas de um conhecimento mutilado e confuso podem ter como efeito, a tristeza, isto é, “um ato de passar para uma perfeição menor¹⁶ ou um ânimo impotente. Contudo, “quando a mente considera a si própria, e sua potência de agir, ela se alegra, alegrando-se tanto mais quanto mais distintamente imagina a si própria e a sua potência de agir”. (E3P53).

Conforme esclarece Spinoza, podemos sentir pela mesma coisa afetos de alegria e tristeza, isso, porque imaginamos essas afecções confusamente. Segundo cita, “as imagens da mente são mais indicadoras dos afetos de nosso corpo do que da natureza dos corpos exteriores”. (E3P14D). Para o autor, quando um afeto por uma coisa ou objeto não advém de uma causa eficiente¹⁷, quer dizer, da qual não sabemos a causa, podemos amar ou odiar a mesma coisa, e assim, considerar esse afeto em dado momento bom e, posteriormente ruim. Logo, o autor conclui que nossa potência é aumentada ou diminuída sem que tenhamos controle dessa situação. Sem um pensamento adequado do que são os afetos ativos e passivos, estaremos sujeitos ao acaso, à servidão, ao medo e a tristeza. Ora, Para Deleuze (2017, p. 172), “os afetos

são as diminuições e os aumentos de potência vividos”.

Segundo o pensador holandês a alegria é “a passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior¹⁸”. Assim, esclarece-nos que a alegria é mais útil ao homem do que a tristeza, pois enquanto a tristeza diminui nossa potência de agir, a alegria aumenta essa potência¹⁹. O pensador também nos enfatiza que geralmente construímos algumas semelhanças de acordo com as imagens que guardamos em nossa memória. Conforme cita, “o homem é afetado pela imagem de uma coisa passada ou de uma coisa futura do mesmo afeto de alegria ou de tristeza de que é afetado pela imagem de uma coisa presente”. (E3P18). Ora, as marcas das imagens são, senão, “signos” que imaginamos a partir da memória ou da lembrança das afecções que sentimos e que podem ser alegres ou tristes. Para o autor “o estado da mente que provém de dois afetos contrários é chamado de flutuação de ânimo, e está para o afeto assim como a dúvida está para a imaginação”. (E3P17S). Portanto, em um mesmo indivíduo podem ocorrer diversas vezes as flutuações de ânimo. Conforme cita, a “flutuação de ânimo e a dúvida não diferem entre si a não ser por uma questão de grau”. (idem). A seguir, veremos como se dá a relação de composição e decomposição dos corpos.

A COMPOSIÇÃO E DECOMPOSIÇÃO DOS CORPOS A PARTIR DOS ENCONTROS (OCCURSUS)

Na Parte 3 de sua obra magistral, *Ética*, Spinoza tratará acerca da *Origem e a natureza dos afetos*²⁰. Segundo esclarece-nos no postulado 1 da Parte 3, “nossa essência é desejo”. Portanto, “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência

18 Cf. E3AD1.

19 “A mente se esforça, tanto quanto pode, por imaginar aquelas coisas que aumentam ou estimulam a potência de agir do corpo, isto é, aquelas coisas que ama”. Cf. E3P19D.

20 “Eu não diria que os afetos assinalam as diminuições ou os aumentos de potência, eu diria que os afetos são as diminuições e os aumentos de potência vividos. Não forçosamente conscientes, mais uma vez. Esta é, eu creio, uma concepção muito, muito profunda do afeto. Então, damos-lhes os nomes para nos situarmos melhor. Os afetos que são aumentos de potência serão chamados alegrias; os afetos que são diminuições de potência serão chamados tristezas. E os afetos são, ou bem a base da alegria, ou bem a base da tristeza”. Cf. DELEUZE, 2017, p. 172.

15 “Coisas que nada tem em comum uma com a outra também não podem ser entendidas uma pela outra, ou seja, o conceito de uma não envolve o conceito de outra.” Cf. E1Ax5.

16 Cf. E3AD3.

17 “Simplesmente por termos considerado uma coisa com um afeto de tristeza ou de alegria, afeto do qual essa coisa não é a causa eficiente, podemos amá-la ou odiá-la”. Cf. E3P16

de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem menor nem maior²¹". (E3Post1). Isso se dá por várias questões, dentre as quais podemos observar as relações entre os corpos, isto é, de composição e decomposição dos encontros (*occurus*) com outros corpos, o estado de nosso corpo e da forma como pensamos e sentimos simultaneamente essas afecções, as ideias confusas e mutiladas, etc. Para Spinoza faz-se necessário compreender as leis de nossa natureza e as causas dos efeitos desses afetos ativos e passivos. Para tanto, é imprescindível que tenhamos uma compreensão adequada de nossas afecções. Ora, é a partir dessa compreensão que poderemos determinar nossos apetites e desejos e também refletir de forma segura (cônsua) acerca do modo de vida mais seguro para viver com autonomia.

Embora a mente de um indivíduo esteja consciente de seu esforço, ela é "apenas um modo definido e determinado do pensar". (E2P48D). Portanto, a mente "não pode ser causa livre de suas ações". (idem). Segundo Spinoza a mente não possui "faculdade absoluta de compreender, de desejar, de amar, etc." (ibidem). Logo, ela não pode ser causa eficiente e livre de suas decisões, mas coagida ou determinada. Conforme esclarece-nos, "a mente, por meio das afecções do corpo" também pode estar consciente de seu esforço simultaneamente ao corpo e a mente, quer dizer, ao apetite. Conforme o autor podemos compreender por desejo "todos os esforços, todos os impulsos, apetites e volições do homem, que variam de acordo com seu variável estado e que, não raramente, são a tal ponto opostos entre si que o homem é arrastado para todos os lados e não sabe para onde se dirigir". (E3AD1). Ora, a esse estado atual do ser, Spinoza compreende como "a própria essência do homem". (idem).

Na proposição 9 da Parte 3 da *Ética* o pensador demonstra-nos que a mente humana, quer seja por "ideias claras e distintas, quer enquanto tem ideias confusas, a mente esforça-se por perseverar em seu ser por uma duração indefinida". Além disso, "a mente, por meio das

21 Um surdo, por exemplo, não pode escutar a sinfonia de uma música. Portanto, sua potência de pensar e de agir não pode ser aumentada nem diminuída. Isso, porque não concebe nenhuma ideia dessa afecção devido seu estado de surdez.

ideias das afecções do corpo, está necessariamente consciente de si mesma, ou seja, ela está consciente, portanto, do seu esforço". (E3P9D). Entretanto, é preciso manter um conhecimento contínuo e adequado das afecções e das ideias dessas afecções. Para o autor é possível que o homem determine seus caminhos a partir das ideias e das causas adequadas. Sendo, entretanto, imprescindível, o verdadeiro conhecimento e compreensão de nossos desejos que nos fazem desejar uma coisa ao invés de outra²².

Para nos dar um maior esclarecimento acerca da questão do desejo, Spinoza ainda nos esclarece que "não é por julgarmos uma coisa boa que nos esforçamos por ela, que a queremos, que a apeteçamos, que a desejamos, mas, ao contrário, é por nos esforçarmos por ela, por querê-la, por apeteçê-la, por desejar-la, que a julgamos boa²³". (E3P9Esc). Ora, segundo seu pensamento, "nossa mente, algumas vezes, age; outras, na verdade, padece²⁴". (E3P1). Contudo, são as ideias adequadas que fazem com que o homem alcance o entendimento e compreensão da potência do intelecto. Conforme cita, o homem "à medida que tem ideias adequadas, ela necessariamente age; à medida que tem ideias inadequadas, ela necessariamente padece". (E3P1D). Portanto, só é possível conservar nosso ser (singular e limitado) mais livre e potente a partir das ideias e causas adequadas. É necessário compreender as verdadeiras causas das coisas observando principalmente as causas

22 "É, pois, evidente que, se os homens pudessem ser conduzidos pela razão, todo desejo que surge de um afeto que é uma paixão seria ineficaz. Cf. E4P59S

23 "Por bem compreendo todo gênero de alegria e tudo o que a ela conduz e, especialmente, aquilo que aplaca uma saudade, qualquer que ela seja. Por mal, em troca, compreendo todo gênero de tristeza e, especialmente, aquilo que agrava uma saudade. Com efeito, demonstramos anteriormente (no escólio da proposição. 9) que não desejamos uma coisa por julgá-la boa, mas, ao contrário, dizemos que é boa porque a desejamos. E, conseqüentemente, dizemos que é má a coisa que abominamos. Por isso, cada um julga ou avalia, de acordo com o seu afeto, o que é bom ou mau, o que é melhor ou pior e, finalmente, o que é ótimo ou péssimo". Cf. E3P39Esc

24 Segundo Chauí (2011, p. 69), na tradição teológico metafísica e normativa é possível compreender o corpo de duas formas, conforme cita, "o corpo é tido como a causa das paixões da alma e estas são consideradas vícios em que caímos por nossa culpa, desobedecendo a vontade de Deus (na tradição teológico metafísica) ou contrariando as leis da Natureza (na tradição da normatividade moral)" Para a autora, ambas as tradições, se distanciam completamente da *Ética* de Spinoza.

dos afetos²⁵ alegres e tristes através reflexão do pensamento. Segundo o autor, isso faz com que os homens possam moderar seus afetos paixões.

Com efeito, Spinoza demonstra-nos que é preciso primeiramente conhecer as verdadeiras causas das paixões pois, assim será possível desvelar o que pode a potência das ideias, isto é, o que pode a potência da mente sobre as afecções do corpo²⁶ e das imaginações e ideias confusas e tristes²⁷. Isso porque, segundo o autor os afetos são “as afecções do corpo”. Portanto essas afecções podem aumentar ou diminuir nossa potência de pensar e de agir. Essa potência de pensar está relacionada à compreensão e reflexão da diferença entre as causas adequadas e inadequadas.

CONHECENDO AS CAUSAS ADEQUADAS E INADEQUADAS

Nos tópicos anteriores, foi possível observar o que são as ideias e como se formam em nossa mente, como se dá seu esforço, como se constituem em nossa mente os afetos e as flutuações de ânimo, etc. Também foi possível observar que o homem estando consciente de seu apetite, esse apetite se chama desejo, do contrário, chama-se afeto paixão. Ora, as paixões passivas segundo Spinoza operam através da imaginação, isto é, de ideias mutiladas e confusas. Dado isso, faz-se necessário estar cômico de nosso desejo, isto é, fazer desse desejo uma ação. No presente tópico, observaremos o que são causas adequadas e qual a sua verdadeira utilidade para as ações do pensamento. No entanto, para desenvolvermos melhor os conceitos de causa adequada e causa inadequada precisaremos esclarecer por que o autor da *Ética* nos dá situações distintas para demonstrar a definição dos afetos na qual esclarece-nos que, quando “podemos ser a causa adequada de algumas dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão”. (E3Def3Ex). Para tanto, será imprescindível analisarmos brevemente como se consti-

tuem as paixões passivas e como diferenciá-las de um afeto ativo, cuja ação se dá através de ideias certas advindas do entendimento.

Segundo Spinoza, quando um afeto não tem uma causa adequada, esse afeto traz como efeito, uma paixão passiva. Já, o afeto no qual somos causa adequada dessas afecções, ou seja, quando essas afecções são conhecidas²⁸ e compreendidas através das ideias verdadeiras do entendimento, tais afetos trazem como efeito, uma ação ativa, isto é, autônoma. Segundo Spinoza, quando não compreendemos adequadamente a ideia verdadeira²⁹ de um afeto, é porque as ideias que se formam em nosso pensamento são mutiladas e confusas, por isso, tal afeto, inevitavelmente, nos conduzirá ao erro, fato que não nos dá o comando real sobre nossas vidas. Segundo seu pensamento, somos quase que lançados ao acaso, posto que as ideias que se formam em nossa mente³⁰ são confusas e mutiladas, haja vista que não a compreendemos. Sendo assim, somos conduzidos a imaginar e a agir segundo uma causa inadequada. Para o autor, somente “quando podemos ser a causa adequada dessas afecções³¹”, quer dizer, quando essas afecções são ideias que nós compreendemos³² verdadeiramente de forma clara e distinta tal afeto pode ser compreendido como um afeto ativo. Sendo ativo, sua ação será o efeito de uma causa adequada.

28 Segundo Wolfgang Bartuschat, (2010, pp. 71-72), o conhecimento de um tal elemento comum é ordenado por Espinosa à forma de conhecimento da *ratio*. Esse conhecimento é adequado porque, sob o aspecto do que é comum, conhece as coisas não como se nos apresentam de acordo com a constituição acidental de nosso corpo, mas como são em si mesmas (*ut in se sunt*), ou seja, em seu status de serem necessariamente. [...]”. E prossegue, “para realçar a *ratio* realçando-a frente à imaginação, Espinosa apoia-se inicialmente em sua ontologia dos modos finitos, os quais são aquilo é verdadeiramente comum às coisas”.

29 “[...] quem conhece verdadeiramente uma coisa, deve, ao mesmo tempo, estar certo disso” Cf. E2P43D.

30 “Afirmo expressamente que a mente não tem, de si própria, nem de seu corpo, nem dos corpos exteriores, um conhecimento adequado, mas apenas um conhecimento confuso, sempre que percebe as coisas segundo a ordem comum da natureza, isto é, sempre que está exteriormente determinada, pelo encontro fortuito com as coisas, a considerar isto ou aquilo. [...]”. Cf. E2P29S.

31 Cf. E3Def3Ex.

32 “[...] quando está interiormente determinada, por considerar muitas coisas ao mesmo tempo, a compreender suas concordâncias, diferenças e oposições. Sempre, com efeito, que está, de uma maneira ou outra, interiormente arranjada, a mente considera as coisas clara e distintamente, [...]”. Cf. E2P29S.

25 “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada (*coercertus*), e ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.” E3Def3

26 “Por corpo compreendo um modo que exprime, de uma maneira definida e determinada, a essência de Deus, enquanto considerada como coisa extensa”. Cf. E2Def1

27 “A tristeza é a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor”. Cf. E3AD3.

Da mesma forma, Chauí compreende que “podemos, porém, ser causa adequada quando o que acontece em nós e fora de nós depende apenas de nosso ser e somente por ele é explicado”. (CHAUI, 2011. p. 62). Para a especialista spinozana somente a causa adequada de uma “ação exprime nossa causalidade eficiente adequada”. (idem). Ora, de acordo com o autor da *Ética*, somos causa total ou completa do que se passa em nós ou fora de nós somente quando compreendemos adequadamente nossos afetos, portanto, somos ativos quando o afeto se torna uma ação e passivos quando o afeto não é compreendido adequadamente, tornando-se, portanto, um afeto paixão. Sendo o afeto uma paixão somos submetidos a um estado de passividade do ser. Portanto, somente quando a mente consegue distinguir as ideias adequadas das ideias inadequadas, a mente e o corpo podem agir, e, à medida que agem, esforçam-se para conservar seu ser a partir das ideias e causas adequadas.

Para Spinoza, por mais que o desejo faça parte da essência humana e que possa nos causar um afeto discrepante entre as pessoas, é necessário compreender que “um afeto que é uma paixão é uma ideia confusa (pela definição geral dos afetos)”. (E5P3D). No entanto, “um afeto que é uma paixão deixa de ser uma paixão assim que formamos dele uma ideia clara e distinta”. (E5P3). Ou seja, fazemos dele uma ideia adequada e verdadeira. Segundo o autor, “agir segundo a razão não é senão fazer aquilo que se segue da necessidade de nossa natureza, considerada em si só”. (E4P59D). Para tanto, é preciso observar as verdadeiras causas dos afetos, e diferenciá-los entre paixões e ações, observando a natureza de nosso corpo com os encontros (*occursus*) e natureza de outros corpos e, principalmente, observar clara e distintamente se esses afetos advêm de afecções ativas ou, de afecções passivas³³, cujos afetos advêm de ideias mutiladas e confusas. Ora, para Spinoza, ser livre, isto é, ser autônomo, é ser capaz

33 “As afecções passivas se opõem às afecções ativas porque elas não se explicam pela nossa potência de agir. Envolvendo, porém, a limitação de nossa essência, elas envolvem, de certa forma, os graus mais baixos dessa potência. A sua maneira, elas são a nossa potência de agir, mas no estado envolvido, não exprimido, não explicado. A sua maneira, elas preenchem nosso poder de ser afetado, mas reduzindo-o ao mínimo: quanto mais somos passivos, menos estamos aptos para ser afetados de um grande número de maneiras”. Cf. DELEUZE, 2017, p. 168.

de compreender a potência de pensar e de agir a partir da intelecção da mente, isto é, a partir da à luz do entendimento e da razão. Para o autor, assim é possível conhecer, compreender e determinar o caminho certo para moderar os afetos sem abominá-los, desprezá-los, ou tratá-los inteiramente como vícios. Conforme cita:

Os que escreveram sobre os afetos e o modo de vida dos homens parecem, em sua maioria, ter tratado não de coisas naturais, que seguem leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora dela. Ou melhor, parecem, conceber o homem na natureza como um império num império. Pois acreditam que, em vez de seguirem a ordem da natureza, o homem a perturba, que ele tem uma potência absoluta sobre suas próprias ações, e que não é determinado por nada mais além de si próprio. Além disso, atribuem a causa da impotência e da inconstância não à potência comum da natureza, mas a não sei qual defeito da natureza humana, a qual, assim, deploram, ridicularizam, desprezam ou, mais frequentemente, abominam. E aquele que, mais eloquente ou argutamente, for capaz de recriminar a impotência da mente humana será tido por divino. [...] mas ninguém, que eu saiba, determinou a natureza e as forças dos afetos nem, por outro lado, que poder tem a mente para moderá-los³⁴. [...] Tratarei, assim, da natureza e da virtude dos afetos, bem como da potência da mente sobre eles, por meio do mesmo método pelo qual tratei, nas partes anteriores, de Deus e da Mente. E considerarei as ações e apetites humanos exatamente como se fosse uma questão de linhas, de superfícies ou de corpos. (E3Pref.).

No tópico a seguir, analisaremos brevemente o que Spinoza compreende por afetos alegres relacionados à mente. E como a firmeza e a generosidade podem contribuir significativamente para a concórdia em sociedade. E, por

34 “[...] Assim, ao afirmar que ninguém explicou as forças dos afetos nem a potência de nossa mente para moderá-los, Espinosa dá a *moderare* duas funções principais: em primeiro lugar, a de desfazer a imagem do homem como *imperium in imperio* substituindo-a pela ideia de regulação e governo de algo que existe na natureza humana no interior da ordem da Natureza, de sorte que o agente moderador (ou a mente humana) não é um soberano contra-fora-acima da Natureza; em segundo, a de conservar a ideia de que os afetos podem ser contrários, que seu conflito é natural e precisa ser regulado”. Cf. CHAUI, 2016, p. 291-292.

fim, como a razão e o entendimento operam sobre a firmeza e a generosidade para a conservação de uma vida ética na qual os indivíduos se esforçam para viver em uma sociedade livre de preconceitos. Ora, conforme Spinoza “pelo desejo que surge da razão buscamos diretamente o bem e evitamos indiretamente o mal”. (E4P63C).

DOS AFETOS ALEGRES RELACIONADOS À MENTE

No tópico anterior, foi possível observar o que são as causas adequadas e inadequadas segundo o pensamento de Spinoza e como essas causas operam em nossa mente a partir das ideias dessas afecções. Destarte, podemos concluir que as ideias e os afetos são adequados quando fazem parte da cadeia da ideia verdadeira de Deus. Também se observou que os afetos podem ter como causa, uma paixão ou uma ação. E, ainda que os afetos não sejam iguais em todos os indivíduos é possível compreendê-los a partir das ideias e causas adequadas. Para tanto, foi necessário demonstrar mesmo que de forma sistemática um breve percurso que perpassa a ontologia e epistemologia do pensamento filosófico de Spinoza até chegar a sua teoria da afetividade para analisar as diferenças entre o afeto paixão e o apetite ou, desejo, bem como quais as causas desses afetos. No presente tópico, observaremos como a mente através do conhecimento e da compreensão adequada dos afetos primitivos, a saber, a alegria, a tristeza e o desejo, pode dar lugar aos afetos alegres relacionados à mente, a citar, a firmeza e a generosidade. Ora, a *Ética* de Spinoza estabelece-nos preciosas regras de vida³⁵, pois proporciona aos homens verdadeiros caminhos para uma vida boa em coletividade.

Na proposição 57 da Parte 3, Spinoza esclarece-nos que os afetos dos indivíduos discrepam entre si, ou seja, cada indivíduo sente afetos que se distinguem dos afetos de outras pessoas. Por conseguinte, o pensador demonstra que também a essência de um indivíduo também difere de outro indivíduo. Ainda na mesma proposição, o pensador holandês explicita-nos que “todos os afetos estão relacionados ao desejo, à alegria ou à tristeza. [...]”. Ora, segundo seu

pensamento filosófico, “o desejo é a própria natureza ou essência de cada um [...]”. (E3P57D). Contudo, esclarece-nos que “o afeto, que se diz *pathema* [paixão] do ânimo, é uma ideia confusa, pela qual a mente afirma a força de existir, maior ou menor do que antes”. (E3ADG). Ora, para o filósofo, a paixão do ânimo é uma “ideia pela qual, se presente, a própria mente é determinada a pensar uma coisa em vez de outra”. (idem).

Para o autor da *Ética*, é preciso compreender as causas dos afetos para determinar ações que sejam dadas segundo as leis de sua natureza a partir da compreensão das ideias e causas adequadas. Ora, para o Spinoza, é de fundamental importância compreender que nossas afecções advêm desses três afetos primitivos. Mas é a partir das ideias e causas adequadas que tornar-se-á possível regular os afetos paixões, ou seja, a partir da compreensão do por que algo pode nos causar alegria, tristeza e desejo. Descobrir essas causas a partir da razão, é, pois, imprescindível. Conforme esclarece-nos:

Além disso, a alegria e a tristeza são paixões pelas quais a potência de cada um, ou seja, seu esforço por perseverar no seu ser, é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada (*coercetur*). Ora, por esforço em perseverar em seu ser, enquanto esse esforço está referido ao mesmo tempo à mente e ao corpo, compreendemos o apetite e o desejo. Portanto, a alegria e a tristeza são o próprio desejo ou o apetite, enquanto ele é aumentado ou diminuído, estimulado ou refreado (*coercetur*) por causas exteriores, isto é, é a própria natureza de cada um. Logo, a alegria e a tristeza discrepam de um discrepa da alegria ou da tristeza de outro tanto quanto a natureza ou essência de um difere da essência do outro, e conseqüentemente, um afeto qualquer de um indivíduo discrepa do afeto de um outro, etc.” (E3P57D).

De fato, a teoria da afetividade na Parte 3 da *Ética* é bastante importante para o esclarecimento de sua doutrina para uma vida livre e autônoma. Por isso, o pensador Spinoza demonstra-nos que os afetos alegres relacionados à mente, a citar, a firmeza e a generosidade³⁶, podem regular e determinar adequadamente nossos desejos proporcionando-nos uma maior e melhor conservação de nosso ser, isto é de nossa potên-

35 “[...] Em outras palavras, essa excelente regra de vida é concluída tanto da razão como da experiência e por isso pode ser recomendada a todos”. Cf. CHAUI, 2016, p. 460.

36 “*Animositatem et generositatem*”.

cia de pensar e agir. Conforme esclarece-nos, “nenhum afeto de tristeza pode estar relacionado à mente à medida que ela age, mas apenas afetos de alegria e de desejo, os quais, à medida que ela age, relacionam-se também à mente”. (E3P59D). Para Spinoza as ideias adequadas da mente estão alicerçadas segundo a verdadeira ideia de Deus. Ora, a ideia adequada parte da ideia verdadeira de Deus, logo, podemos compreender as verdadeiras causas das coisas.

Segundo nosso autor a firmeza e a generosidade são remetidas “a todas as ações que se seguem dos afetos que estão relacionados à mente à medida que ela compreende”, isto é, “à fortaleza”. (E3P59S). Conforme cita, “a firmeza é o desejo pelo qual cada um se esforça por conservar seu ser, pelo exclusivo ditame da razão”. (idem). Portanto, a razão, por ser norma de si mesma, não se deixa levar pelas paixões passivas porque compreende seus afetos adequadamente. Ora, a razão esforça-se à medida que compreende através das ideias e causas adequadas. Importa saber, que embora tenhamos observado em especial à firmeza e a generosidade, segundo Spinoza, “a temperança, a sobriedade, e a coragem diante do perigo, etc., são espécies de firmeza, enquanto a modéstia, a clemência, etc., são espécies de generosidade”. (ibidem).

Segundo o polidor de lentes, “a generosidade é o desejo pelo qual cada um se esforça pelo exclusivo ditame da razão, por ajudar os outros homens para unir-se a eles pela amizade”. (E3P59S). Portanto, a firmeza tem como agente a razão eficiente, pois é compreensão de si e das leis de Deus através da ideia adequada, logo, buscará o que é útil³⁷; a generosidade é a compreensão do desejo do outro segundo os ditames da razão, cuja ação em prol do outro é também definida pela potência (*conatus*) do homem que se esforça por construir e manter laços e relações recíprocas de amizade. Ainda, segundo seu pensamento, “as nossas ações, isto é, aqueles desejos que são definidos pela potência do homem, ou seja, pela razão, são sempre boas”. (E4A3). Isso, porque as ações da razão

que advém de ideias adequadas aumentam e conservam a potência do homem. Destarte, a partir da firmeza e da generosidade, segundo seu pensamento, podemos pensar uma sociedade mais humana, isto é, que deseje se esforçar pela concórdia e que lute pela possibilidade de maior liberdade em sociedade.

No capítulo 7 do Apêndice da Parte IV da *Ética*, Spinoza esclarece-nos que “é impossível que o homem não seja uma parte da natureza e que não siga a ordem comum desta”. Dado isso, podemos compreender por que aperfeiçoar o intelecto, ou a razão, pode trazer maior liberdade para todos os indivíduos em sociedade. Ora, para o filósofo holandês, “o homem que se conduz pela razão deseja, a fim de viver mais livremente, observar os direitos comuns da sociedade”. (E4P73D). Ademais, além da firmeza e da generosidade que são desejos, isto é, *conatus* de buscar o que é útil para si e para os outros, o amor, a glória e o contentamento, segundo Chaui (2016, p.462), “exprimem o conhecimento de si e uma alegria racional”. Isto é, são afetos alicerçados sob os ditames da razão e do conhecimento³⁸. Ora, segundo Spinoza, “quem vive sob a condução da razão se esforça, tanto quanto pode, por retribuir com amor ou generosidade, o ódio, a ira, o desprezo, etc. de um outro para com ele”. (E4P46).

38 Segundo Chaui (2016, p. 462), “na sequência, outros afetos serão avaliados pela razão segundo se refiram à relação de alguém consigo mesmo ou com outrem. É interessante observar que nesse percurso Espinosa dará grande ênfase à avaliação da soberba, que ele oporá à glória e ao apreço, e à do contentamento consigo mesmo, que ele oporá à abjeção, à humildade e ao arrependimento. Enquanto a soberba e a abjeção são formas da ignorância de si e a humildade e o arrependimento repugnam à razão (pois nascem quando um homem contempla a sua própria impotência), a glória, o apreço e o contentamento consigo mesmo exprimem o conhecimento de si, uma alegria racional. Todavia, o quadro oferecido por Espinoza é mais complexo seja porque há afetos tristes (como a dor e o medo) que, embora não sejam bons por si, servem para coibir o excesso de alegria e nisto são bons, seja porque há afetos de alegria que se originam de um afeto triste, como no caso da esperança, inseparável de um fundo de medo, seja, enfim, o caso da comisseração, que é triste, má, contrária à razão e, no entanto, boa conforme à razão pelo seu efeito, pois, diz Espinosa, é desumano não experimentá-la diante do sofrimento alheio nem desejar livrar o outro da miséria. Essa mesma complexidade aparece no exame do arrependimento e da vergonha: ambos são paixões tristes; no entanto, o primeiro pode ser bom enquanto corretivo para o risco da soberba e a segunda indica o desejo de viver honestamente”.

37 Para Spinoza, “na vida, é útil, sobretudo, aperfeiçoar, tanto quanto pudermos, o intelecto ou a razão, e nisso, consiste a suprema felicidade ou beatitude do homem”. Cf. E4A4. É interessante observar que, segundo Hadi Rizk (2010, p. 69), a *Ética* de Spinoza demonstra que “o conhecimento é uma atividade do espírito, ele depende da potência de existir e de agir do pensamento”.

Para o autor da *Ética*, os afetos que não diminuem nossa potência de pensar e de agir, isto é, de compreender as coisas contribui para a conservação de nosso ser. Segundo seu pensamento, “um afeto é mau ou nocivo apenas à medida que impede a mente de pensar”. (E5P9). Sendo assim, a generosidade e a firmeza, assim como o amor, podem aumentar a nossa potência de pensar e de agir. Portanto, é de suma importância esforçarmo-nos para compreender nossos afetos segundo os ditames de ideias adequadas. E, conforme citado anteriormente, é indubitavelmente necessário compreender as leis de Deus, isto é, as leis da Natureza inteira, além dos afetos e das ideias que surgem da composição e decomposição dos corpos. Isso porque, segundo Spinoza, “somos uma parte da natureza, a qual não pode ser concebida adequadamente por si só, sem os outros indivíduos”. (E4A1). A seguir, será demonstrado em que sentido podemos pensar uma vida livre a partir do pensamento de Spinoza.

A VERDADEIRA LIBERDADE EM SPINOZA

Segundo o autor da *Ética*, quando a luz do entendimento humano pensa através das ideias adequadas, a mente conhece verdadeiramente as causas das coisas, isto é, conhece e compreende as causas das afecções do corpo e da mente. Portanto, também compreende as leis de sua natureza³⁹. Ora, através desse conhecimento claro, distinto e adequado, o homem cujo agir ou padecer se dá em pluralidade simultânea, pode determina-se para ser causa adequada de suas ações. Para Spinoza, quanto mais os homens conhecem as leis de sua natureza e da Natureza eterna de Deus mais eles participam de sua eternidade. Ora, conforme demonstra-nos, “a essência da mente consiste em um conhecimento que envolve o conhecimento de Deus, e sem o qual ela não pode existir nem ser concebida”. (E4P37D). Portanto, compreender as verdadeiras causas das coisas, à luz da razão e do entendimento, faz com que os homens não se esforcem somente para realizar suas próprias paixões, mas busquem o que é comum a todos,

39 Dom Garret, em sua obra *Spinoza*, esclarece-nos acerca “das grandes contribuições de Spinoza aos dois domínios de *philosophia practica*, à crítica teológica, a duas *scientiae* (metafísica e psicologia) e a um subdomínio da lógica (epistemologia). Entretanto, o autor ainda ressalta que o termo inglês epistemologia, segundo suas pesquisas, data de 1856”. Cf. GARRET, 2011, p. 194.

isto é, o desejo de buscar o que é útil para uma vida feliz. Ora, para nosso autor a potência do intelecto pode fazer esse caminho⁴⁰.

Em seu *Tratado Teológico Político*⁴¹ (TTP), Spinoza esclarece-nos que “ninguém, pode, contudo, duvidar de que é muito mais útil para os homens viverem segundo as leis e os rigorosos ditames da razão, que apontam, [...] apenas para o que lhe é verdadeiramente útil”. (TTP/17/5). Dado o exposto, nos sentimos convidados a fazer o seguinte questionamento: Spinoza já pensava uma sociedade verdadeiramente livre e por isso escreveu uma *Ética* cuja prática da liberdade e felicidade em coletividade se realizada quando os homens estão livres dos preconceitos e das superstições? Vejamos novamente o que o autor cita em seu TTP acerca dos fundamentos de uma república livre:

Dos fundamentos da república, [...] o seu fim último não é dominar nem conter os homens pelo medo e submetê-los a um direito alheio; é pelo contrário libertar o indivíduo do medo a fim de que ele viva, tanto quanto possível, em segurança, isto é, a fim de que ele preserve o melhor possível, sem prejuízo para si ou para os outros, o seu direito natural a existir e a agir. O fim da república, repito, não é fazer os homens passar de seres racionais a bestas ou atomatas, é, pelo contrário, fazer com que a sua mente e o seu corpo exerçam em segurança as respectivas funções, que eles usem livremente da razão e que não se digladiem por ódio, cólera ou insídia, nem sejam intolerantes uns para com os outros. O verdadeiro fim da república é de fato a liberdade. (TTP/20/5).

O TTP de Spinoza não tinha intenção de causar dissensões, nem muito menos foi um ataque diretamente voltado para a moralidade⁴², mas antes “fazer a distinção entre a fé e a filosofia”. (TTP/14/2). Nessa obra o autor

40 Para Marcos Ferreira de Paula (2017, p. 187), “a felicidade como potência do intelecto significa que a ação da mente é agora uma atividade ‘internamente disposta’ capaz de ‘organizar’ a vida afetiva”.

41 Para a obra *Tratado Teológico Político* utilizaremos as seguintes abreviaturas: (TTP), para *Tratado Teológico Político* e para demonstrar os capítulos e parágrafos, as abreviaturas. (12/2). Exemplo: TTP/12/2. (*Tratado Teológico Político*, capítulo 12, parágrafo 2).

42 De acordo com Marco Zingano (2013, p. 54-55), “a moralidade é uma expansão, fundada na razão, de uma atitude básica natural, as nossas relações de amizade e de amor. Não é um artifício inventado em algum momento; é algo que expande uma de nossas atitudes naturais”.

também demonstrará como determinadas religiões no decorrer dos séculos manipulavam as pessoas através dos preconceitos e superstições, fato que, para Spinoza, eram as maiores causas de guerras religiosas e dissensões políticas em seu tempo. Ora, o método histórico crítico utilizado por Spinoza no TTP busca justamente demonstrar as tristes marcas deixadas antes mesmo do período da Idade Média. O autor observa as marcas das disputas político religiosas onde as superstições e os preconceitos eram armas poderosas em momentos de crise. Ora, as Inquisições, os suplícios, as queimas de livros⁴³ segundo seu pensamento também eram formas de trazer às sociedades o medo e a servidão.

Ainda em seu TTP Spinoza deseja enfatizar a importância da filosofia para nossa liberdade de pensar. Conforme cita, “os fundamentos da filosofia são as noções comuns, devendo toda ela ser deduzida apenas da natureza; os da fé, [...] as narrativas históricas e a língua, pelo que não podemos deduzi-la senão da Escritura e da revelação, [...]. (TTP/14/21). Ora, para o autor, “a Escritura não ensina questões filosóficas, mas apenas a piedade, e que tudo quanto ela contém está adaptado à compreensão e às opiniões preconcebidas do vulgo”. Cf. TTP/15/01. Ademais, o autor defende que “o objetivo das Escrituras é apenas ensinar a obediência, coisa que ninguém pode contestar”. Cf. TTP/14/3. E, já em seu TTP Spinoza enfatiza a necessidade e importância da razão e do entendimento. Conforme seu pensamento, “os homens, de facto são assim: aquilo que concebem pelo puro entendimento, defendem-no só pelo entendimento e a razão; pelo contrário, aquilo que opinam por força dos afectos, é com estes que o defendem. [...]”. Cf. TTP/7/2.

CONCLUSÃO

Diante do que foi demonstrado e refletido no presente trabalho foi possível observar que, segundo Spinoza Deus “é causa de todas as coisas”. Além disso, “a mente pode padecer grandes mudanças, passando ora a uma perfeição maior, ora a uma menor, ou seja, paixões

essas que nos explicam os afetos da alegria e da tristeza”. (E3P11D). Isso se dá porque em nossa mente, tanto temos ideias adequadas como ideias inadequadas. Entretanto, é sabido, que através do método reflexivo proposto por Spinoza nossos afetos podem ser compreendidos verdadeiramente. E, caso não saibamos compreendê-los a mente e o corpo (simultaneamente) padecem. Também foi possível compreender que os afetos, a partir de ideias adequadas, claras e distintas nos fazem pensar caminhos mais seguros que podem proporcionar a nós mesmos e aos indivíduos modos de ser mais autênticos à nossa natureza, isto é, modos de existir e operar mais livremente em sociedade segundo os ditames da razão. Observamos também que o desejo (*conatus*) pode aumentar, isto é, conservar nossa potência de ser e existir quando agimos com firmeza e generosidade. Entretanto, se agirmos a partir de ideias confusas e mutiladas estaremos sujeitos ao acaso, ao ódio, à inveja e, conseqüentemente, à servidão.

De fato, os manuscritos da *Ética*, do TIE, TTP, bem como as obras de comentadores spinozanos e demais estudiosos que aqui foram investigadas são de indubitável importância para pensarmos uma sociedade e política que realmente seja determinada para vivermos bem, isto é, em concórdia. Ora, a demonstração de nossa hipótese, qual seja a de que a *Ética* é um caminho para pensarmos a construção de uma sociedade mais autônoma e livre. Portanto, a potência (*conatus*) de conhecer e compreender as verdadeiras Leis da Natureza de Deus e de nossa natureza determinada se dá a partir da reflexão do pensamento, isto é, da investigação segundo ideias e causas adequadas.

Isso, também abre caminhos para acreditarmos que a sociedade tem capacidade para reconhecer no outro o valor e a importância da dignidade humana. Também foi possível compreender através da *Ética*, obra magna de Spinoza, que as ideias adequadas fazem-nos conhecer melhor o ser de nossa essência atual e, que essa essência se une ao intelecto infinito de Deus, pois a ideia da mente, sendo adequada, se faz agente na causa de sua ação, posto que essa ideia está em Deus e Deus opera no ser através de seus atributos distintos (pensamento e extensão), isto é, exprimem e explicam a potência infinita de Deus.

43 Conforme Jonathan I. Israel (2009, p. 135), “na França de Luiz XIV, havia frequentes queimas de livros feitas pelos *parlements* regionais, numerosos editais suprimindo alguns livros em particular e inspeções policiais regulares às livrarias, bem como revistas nas bagagens dos viajantes nas fronteiras. [...]”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTUSCHAT, W. **Espinosa.** Tradução de Beatriz Ávila Vasconcelos. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CHAUI, M. **A nervura do real II: Imanência e liberdade em Spinoza.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CHAUI, M. **Desejo, paixão e ação na Ética de Spinoza.** São Paulo: Companhia das letras, 2011.

CHANTAL, J. **A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa.** Tradução de Marcos Ferreira de Paula e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Coleção Filô/Espinosa).

DELEUZE, G. **Espinosa e o Problema da Expressão.** Tradução do GT Deleuze (coordenação de Luiz B. L. Orlandi). Rio de Janeiro: Editora 34, 2017.

DELEUZE, G. **Espinosa: Filosofia Prática.** Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

GARRETT, D. (Org). **Spinoza.** Tradução de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Ideias & Letras, 2011. (Companions & Companions).

ISRAEL, J. I. **Iluminismo Radical: a filosofia e a construção da modernidade, 1650-1750.** Tradução de Claudio Blanc. São Paulo: Madras, 2009.

PAULA, M. F. **Alegria e Felicidade: A Presença do Processo Libertador em Espinosa.** São Paulo: EdUSP, 2017.

SPINOZA, B. **Ética.** Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SPINOZA, B. **Tratado da Emenda do Intellecto.** Edição em latim e português. Tradução e notas de Cristiano Novaes de Rezende. São Paulo: Editora Unicamp, 2015.

SPINOZA, B. **Breve Tratado.** Tradução e notas de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Coleção Filô/Espinosa).

SPINOZA, B. **Tratado Teológico-Político.** Tradução e notas de Diogo Pires Aurélio. Lisboa: Casa da Moeda. Editora: Incm, 2004.

SPINOZA, B. **Obra completa II: Correspondência Completa e vida.** Tradução e notas de J.

Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RIZK, H. **Compreender Spinoza.** Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

ZINGANO, M. **As virtudes morais.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. (Filosofias: o prazer de pensar).

